

NAS MÃOS DE DEUS

HOMENS E MULHERES
DE FÉ NA BÍBLIA



J. VERDIÁ (ED.)

NAS MÃOS DE DEUS

Série de textos sobre algumas figuras do Antigo e do Novo Testamento que mostraram a proximidade de Deus com os homens através da sua própria vida.

Opus Dei

© 2020 Gabinete de Informação

do Opus Dei

www.opusdei.org

ÍNDICE

Introdução

Abraão, nosso pai na fé

Vocação e missão de Moisés

David

O profeta Elias

Maria, modelo e mestra de fé

A fé do centurião

São Pedro e o caminho da fé

Marta e Maria

INTRODUÇÃO

“Fé. No dia em que vivermos esta virtude - confiando em Deus e na sua Mãe -, seremos valentes e leais. Deus, que é o Deus de sempre, fará milagres por nossas mãos”[1]. A necessidade de redescobrir a fé e deixar que ela invada a nossa vida é o eixo da primeira encíclica do papa Francisco, *Lumen Fidei*: “A fé desvendamos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos de explanar o seu percurso, o caminho dos homens crentes”[2].

Nas próximas páginas, evocaremos algumas figuras da história sagrada do Antigo e do Novo testamentos que, com sua vida, mostraram a proximidade de Deus com os homens. São artigos elaborados no contexto do Ano da Fé, convocado por Bento XVI, em outubro de 2012, e encerrado em novembro de 2013, pelo papa Francisco. Os textos, publicados no site do Opus Dei, têm como objetivo facilitar a oração pessoal sobre essa virtude teologal, considerando alguns de seus aspectos tal como os encontramos encarnados em personagens da Sagrada Escritura. Exemplos como o da Santíssima Virgem, pela fé de quem o Filho se fez homem e é chamada bem-aventurada por todas as gerações[3]; como o exemplo dos Apóstolos, que deixaram tudo para seguir o Mestre e anunciaram a Boa Nova até as fronteiras do mundo conhecido; ou como o de outros homens e mulheres, que nos ajudarão a saborear a alegria da fé e a transmiti-la àqueles que estão à nossa volta. Num mundo sedento de Deus, estes exemplos constituem uma chamada e um

impulso para “dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida”[4], para levar o calor do sol da fé[5] a tantos lugares.

Notas

[1]S. Josemaria, *Forja*, n. 235.

[2]Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 8.

[3]Cfr. *Lc* 1, 48.

[4]Francisco, Exhort. apost. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 121.

[5]São Josemaria, *Caminho*, n. 575.

ABRAÃO, NOSSO PAI NA FÉ

O livro do Gênesis narra a vida de Abraão a partir do momento em que o Senhor se cruzou no seu caminho e transformou a radicalmente a sua existência. Embora o escritor sagrado não pretenda oferecer uma biografia detalhada, apresenta-nos numerosos episódios que põem em evidência a profunda fé do santo patriarca e o modo como ele deixa Deus agir na sua vida.

Com efeito, são lhe prometidas uma terra e uma descendência numerosa, mas Abraão deverá iniciar um caminho: **Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrar. Eu farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei; tornarei famoso o teu nome, de modo que se tornará uma bênção**[1]. Tempo depois, o próprio Deus mudar-lhe-á o nome – **e já não te chamarás Abrão, mas o teu nome será Abraão**[2] – para indicar que lhe conferiu «uma personalidade nova e uma nova missão, que ficam refletidas no significado do novo nome: “pai de multidões”»[3]. Manifesta-se assim que toda a singularidade do patriarca depende da aliança com Deus e está ao serviço desta.

Abraão escuta a voz de Deus e põe-na em prática, sem prestar demasiada atenção ao que as circunstâncias lhe podiam aconselhar. Porquê abandonar a segurança da sua pátria, esperar uma descendência quando, quer ele quer a sua mulher, são de idade

avançada? Mas Abraão confia em Deus, na sua onipotência, na sua sabedoria e na sua bondade. O episódio de Sodoma e Gomorra[4] mostra, além da gravidade do pecado que ofende a Deus e destrói o homem, a familiaridade que Abraão tem com o seu Senhor. Deus não lhe oculta o que está por fazer e acolhe a oração de intercessão do santo patriarca. A resposta de fé apoia-se na confiança, ou seja, num trato pessoal com Deus.

O conhecimento das coisas, o sentir comum, a experiência, os meios humanos têm a sua importância, mas se tudo ficasse por aí, “numa ordem natural”, a nossa percepção da realidade seria falsa por ser incompleta, porque o nosso Pai Deus não se desinteressa de nós nem o seu poder minguou. Assim o expressava São Josemaría Escrivá de Balaguer: ***Nos empreendimentos de apostolado, está certo - é um dever - que consideres os teus meios terrenos (2 + 2 = 4). Mas não esqueças - nunca! - que tens de contar, felizmente, com outra parcela: Deus + 2 + 2...***[5]

As dificuldades habituais, por muito adversas que pareçam, nunca são a última palavra. Deus é fiel e cumpre sempre as suas promessas. Abraão atua de acordo com esta lógica. O valor exemplar da fé de Abraão compendia-se em três traços fundamentais: a obediência, a confiança e a fidelidade.

Na obediência da fé

Abraão manifesta a sua própria fé principalmente obedecendo a Deus. A obediência pressupõe a escuta, pois é necessário, em primeiro lugar, “prestar atenção”, quer dizer, conhecer a vontade de outro para lhe dar resposta e cumpri-la. Na Sagrada Escritura obedecer não é apenas “cumprir” mecanicamente o mandato:

implica uma atitude ativa, que põe em jogo a inteligência diante de Deus que se revela, e que conduz a pessoa a aderir à vontade divina com todas as forças e capacidades. «Quando Deus o chama, Abraão parte "como lhe tinha dito o Senhor" (Gn12, 4): todo o seu coração se submete à Palavra e obedece»[6].

A obediência que provém da fé vai muito para além da simples disciplina: pressupõe a aceitação livre e pessoal da Palavra de Deus. Assim ocorre também em muitos momentos da nossa vida quando podemos acolher essa Palavra ou recusá-la, deixando que as nossas ideias prevaleçam sobre o que Ele quer. A obediência da fé é a resposta ao convite de Deus ao homem para caminhar junto d'Ele, a viver em amizade com Ele. «Obedecer ("ob-audire") na fé, é submeter-se livremente à palavra escutada, porque a sua verdade é garantida por Deus, a própria Verdade. Abraão é o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe desta obediência. A Virgem Maria é a realização mais perfeita da mesma»[7].

Com confiança e abandono em Deus

Quando consideramos a vida de Abraão, vemos que a fé está presente em toda a sua existência, manifestando-se especialmente nos momentos de obscuridade, em que as certezas humanas falham. A fé implica sempre uma certa obscuridade, um viver no mistério, sabendo que nunca se chegará a atingir uma perfeita explicação, uma perfeita compreensão, pois o contrário já não seria fé. Como diz o autor da carta aos Hebreus, **a fé é fundamento das coisas que se esperam, prova das que se não vêm**[8]. A falta de certeza da fé é superada pela confiança do crente em Deus; pela fé, o patriarca põe-se a caminho sem saber onde vai, mas essa é apenas a primeira

ocasião em que deverá pôr em jogo esta virtude. Porque, como recorda o *Catecismo da Igreja Católica*, é necessário confiar muito em Deus para viver «como estrangeiro e peregrino na Terra prometida»[9], e para enfrentar o sacrifício do filho: **Toma o teu filho, o teu único filho Isaac, a quem amas, e vai para a região de Moriá e oferece-o lá em holocausto, sobre uma montanha que Eu vou indicar**[10].

A fé de Abraão manifesta-se em toda a sua grandeza quando se dispõe a renunciar ao seu filho Isaac. O sacrifício do próprio filho é profecia da entrega de Jesus Cristo para a salvação do mundo. É algo tão tremendo que dispensa comentários. Mas Abraão não se revolta contra Deus, não o questiona nem o põe em dúvida: fia-se d'Ele. Põe-se a caminho, continua atento a escutar a voz do Senhor e, no final da viagem ao monte Moriá, descobre que não quer o sangue de Isaac: **E Deus disse-lhe: – Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus pois não me recusaste o teu filho, o teu filho único. (...). E Abraão deu a esse lugar o nome "Javé providenciará"! Assim ainda hoje se costuma dizer: "Sobre a montanha, Javé providenciará"**[11].

Acontecimentos similares costumam suceder na vida dos santos. Recordemos, por exemplo, quando o nosso Padre pensou que o Senhor lhe estava a pedir para deixar o Opus Dei para poder realizar uma nova fundação, dirigida aos sacerdotes diocesanos. Que grande sacrifício! De facto, depois de falar com várias pessoas na Santa Sé, chegou mesmo a comunicar a sua decisão a D. Álvaro, à Tia Carmen, ao Tio Santiago, aos membros do Conselho Geral e a mais alguns. ***Mas Deus não o quis assim, e livrou-me, com a sua mão***

misericordiosa – carinhosa – de Pai, do sacrifício bem grande que me dispunha a fazer de deixar o Opus Dei. Tinha dado conhecimento oficiosamente da minha decisão à Santa Sé (...), mas vi depois com clareza que não era necessária essa nova fundação, essa nova associação, posto que os sacerdotes diocesanos cabiam perfeitamente dentro da Obra[12]. Como Abraão tinha sido libertado, São Josemaria também foi, pois o Senhor fez-lhe entender que os sacerdotes diocesanos podiam fazer parte do Opus Dei e ser admitidos como sócios da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, sem que isso afetasse a sua situação na diocese; mais ainda, fortalecendo-se, assim, a sua união com o resto do clero e com o seu Bispo.

Fé que é fidelidade

A fé de Abraão manifesta-se também como fidelidade: perante os diversos acontecimentos persevera na sua decisão de seguir a vontade de Deus. A fé apoia-se na palavra de Deus e, por isso, dá lugar a decisões tomadas em profundidade, que não estão submetidas a posteriores “revisões” ou “re-pensamentos”. **Mantenhemos firme a confissão da esperança, porque fiel é o que fez a promessa[13].** Na nossa vida, sempre haverá momentos que nos servirão – com a graça de Deus – para fortalecer e consolidar a nossa fé. Abraão foi submetido a uma prova tremenda: viu-se na situação de ter que sacrificar aquele que era fruto da promessa que lhe tinha sido feito. O santo patriarca não só teve que enfrentar circunstâncias difíceis, mas ainda esperou contra toda a esperança[14], porque as circunstâncias convidavam a “julgar” a vontade divina, a duvidar do próprio Deus e da sua fidelidade. Nisto radica a tentação que se apresentou a Abraão.

Também nós nos podemos encontrar, por vezes, com situações onde intuímos que o Senhor espera algo que talvez nos contrarie: um passo em frente na vida cristã, a renúncia a um modo de fazer ou mesmo a uma maneira de ser, talvez profundamente arraigada, mas que talvez não favoreça a fecundidade do apostolado. Pode surgir o impulso de silenciar essa inquietação, identificando aquilo que nos agradaria com o que deveria ser a vontade divina: «A tentação de deixar Deus de lado para nos pormos nós próprios no centro está sempre à espreita»[15].

Abraão não age assim: vai para o monte Moriá, com um grande conflito interior, mas convencido de que antes ou depois **Deus providenciará**[16]. E Deus, que está empenhado em fazer-se entender, no final providencia. Para que se fizesse luz, Abraão teve que percorrer o caminho completo, teve que pôr-se em marcha e chegar até ao fim. Também nós, se procuramos secundar em todo o momento a vontade divina, descobriremos que, apesar das nossas limitações, Deus dá eficácia à nossa vida. Saberemos e sentiremos que Deus nos ama e não teremos medo de O amar: «a fé professa-se com a boca e com o coração, com a palavra e com o amor»[17].

Notas

[1]Gn12, 1-2.

[2]Gn17, 5.

[3]*Bíblia de Navarra* (tomo I, 1997), comentário a Gn17, 5.

[4] Cfr. Gn18-19.

[5]S. Josemaria, *Caminho*, n. 471.

[6]*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2570.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 144.

[8] *Hb11*, 1.

[9] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 145.

[10] *Gn22*, 2.

[11] *Gn22*, 12-14.

[12] S. Josemaria, *Carta 24-XII-1951*, n. 3, em A. Vázquez de Prada, *El fundador del Opus Dei*, vol. 3, Rialp, Madrid 2003, p. 171.

[13] *Hb10*, 23.

[14] Cfr. *Rm4*, 18.

[15] Francisco, Audiência geral, 10-IV-2013.

[16] *Gn22*, 8.

[17] Francisco, Audiência geral, 3-IV-2013.

VOCAÇÃO E MISSÃO DE MOISÉS

Deus, ao aproximar-se do homem e ao convidá-lo à fé, não lhe comunica simplesmente uma verdade, mas dá-*Se* Ele mesmo. Acolher o dom da fé leva, por isso, a que o homem se ponha a caminho para Deus e que se comprometa totalmente com Ele por amor, ainda que por vezes tenha que ***ir a contrapelo***[1]. Deus espera-nos, necessita-nos fiéis e não se deixa ganhar em generosidade.

É o que vemos na vida de Moisés, caracterizada por ser uma resposta de fé à revelação de Deus. Assim o lemos na Carta aos Hebreus: ***Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei, e se manteve firme, como quem vê o invisível. Pela fé, celebrou a páscoa e a aspersão do sangue, para que o exterminador não tocasse os seus primogênitos. Pela fé, atravessaram o Mar Vermelho como se fosse terra seca, enquanto os egípcios que o tentaram foram engolidos pelas águas***[2].

Vocação e missão de Moisés

Se Abraão é o modelo de obediência e confiança em Deus, de modo que, com razão, pode ser chamado o pai de todos os crentes[3], Moisés nos permite ver que a fé é para a entrega, convertendo-se "um novo critérios de pensamento e de ação que muda toda a vida do homem"[4]. A fé ilumina, a própria existência, dando-lhe um sentido

de missão. *A fé e a vocação cristã afetam toda a nossa existência, e não apenas uma parte. As relações com Deus são necessariamente relações de entrega e assumem um sentido de totalidade. A atitude do homem de fé é ver a vida, em todas as suas dimensões, a partir de uma nova perspectiva: a que nos dá Deus*[5]. Ter fé e comprometer-se com Deus para viver com uma missão apostólica são faces da mesma moeda.

Viver à luz da fé

Moisés nasceu quando o faraó tinha ordenado o assassinato de todos os recém-nascidos varões do povo judeu. **Foi pela fé que os pais de Moisés, vendo nele uma criança encantadora, o esconderam durante três meses**[6]. A frase sugere que a fé de seus pais fez com que percebessem que a vontade de Deus não era a morte do menino e que foi também a fé que lhes deu a força para infringir o édito do rei. Não podiam imaginar quanto dependia daquele gesto. Quando criam haver renunciado ao seu filho, a providência divina não só lhes permitiu vê-lo adotado por uma princesa egípcia, mas também tornou possível que a própria mãe pudesse amamentá-lo e criá-lo[7].

Moisés cresceu na casa do faraó e foi instruído em todas as ciências dos egípcios. Mas um episódio mudará profundamente a sua vida: ao defender outro hebreu, tirará a vida a um egípcio e converter-se-á num proscrito. Na escolha feita por Moisés de solidarizar-se com os seus irmãos podemos ver uma decisão baseada numa convicção de fé, na consciência de pertencer ao povo eleito; **pela fé que Moisés, uma vez crescido, renunciou a ser tido**

como filho da filha do Faraó, preferindo participar da sorte infeliz do povo de Deus, a fruir dos prazeres culpáveis e passageiros. Com os olhos fixos na recompensa, considerava os ultrajes por amor de Cristo como um bem mais precioso que todos os tesouros dos egípcios[8].

À luz da fé, Moisés reconhece que assumir como próprio o opróbrio e o desprezo que sofrem os israelitas tem infinitamente mais valor que os tesouros materiais do Egito, que conduziam à perdição espiritual. ***Eu te vou dizer quais são os tesouros do homem na Terra, para que os não desperdices: fome, sede, calor, frio, dor, desonra, pobreza, solidão, traição, calúnia, cárcere...***[9]

Moisés deverá fugir do Egito para não cair nas mãos do faraó. Assim chegará à terra de Madiã, na península do Sinai. Poderia parecer que todas as suas boas disposições e a sua preocupação pelos israelitas prisioneiros no Egito não lhe trouxeram nada de bom. Não obstante, os homens não são os únicos protagonistas da história do mundo, nem sequer são os principais. E quando Moisés se instalou no seu novo país e pôde justamente imaginar a normalidade com que prosseguirá a sua vida, Deus sairá ao seu encontro e lhe manifestará a missão para que o reservou desde o seu nascimento, que configura a sua vocação e o seu ser mais íntimo.

Vocação e resposta de fé

A missão de Moisés situa-se no contexto da história patriarcal. Deus, perante o lamento dos filhos de Israel oprimidos no Egito, ouviu os seus gemidos e **lembrou-Se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó**[10] e escolheu Moisés para libertar o seu

povo da escravidão. O Senhor interveio de novo na história para ser fiel à promessa que fez a Abarão, e enquanto **Moisés apascentava o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã (...)** O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama (que saía) do meio de uma sarça. **Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia. “Vou-me aproximar, disse ele consigo, para contemplar esse extraordinário espetáculo, e saber porque a sarça não se consome.”** Vendo o Senhor que ele se aproximava para ver, chamou-o do meio da sarça[11]. A vocação de Moisés permite-nos apreciar os elementos fundamentais que encontramos em toda a chamada para assumir os planos de Deus: a iniciativa divina, a auto-revelação de Deus, a entrega de uma missão e a promessa do favor divino para poder levá-la a cabo.

Deus abre caminho de modo surpreendente, ao mesmo tempo que se acomoda ao seu interlocutor: suscita o assombro de Moisés ante a sarça incandescente para, a seguir, chamá-lo pelo seu nome: **Moisés, Moisés**[12]. A repetição do nome acentua a importância do acontecimento e a certeza da chamada. Em toda a vocação aparece essa consciência de pertencer a Deus, de estar na sua mão e que convida à paz. É o que expressa o profeta Isaías num hino, quando diz: **Nada temas, pois Eu te resgato, Eu te chamo pelo nome, és meu**[13]; palavras que S. Josemaria saboreava, unindo-as à resposta de Samuel: Diz-Lhe: ***"ecce ego quia vocasti me!" - Aqui me tens, porque me chamaste!***[14]

Quando Deus chama, o homem percebe que a vocação não é uma fantasia ou fruto da imaginação. A vocação de Moisés mostra este segundo aspeto da chamada, ressaltando o modo como o Senhor se apresenta: **Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o**

Deus de Isaac e o Deus de Jacó[15], o mesmo em que creram os seus antepassados. **EU SOU AQUELE QUE SOU**[16]. Toda a chamada divina leva consigo esta iniciativa de intimidade na qual o Senhor se dá a conhecer.

Não obstante, poderia surpreender a reação de Moisés: apesar de ter visto o prodígio da sarça-ardente, apesar da certeza do que está a suceder, desculpa-se: **Quem sou eu para ir ter com o faraó?** [17]Tenta evitar o que o Senhor lhe pede - a missão confiada - , porque está consciente da sua própria insuficiência e da dificuldade do encargo. A sua fé é ainda débil, mas o medo não o leva a afastar-se da presença de Deus. Dialoga com Ele com simplicidade, apresenta-lhe as suas objeções e permite que o Senhor manifeste o seu poder e dê firmeza à sua debilidade.

Neste processo, Moisés experimenta pessoalmente o poder de Deus, que começa a operar nele alguns dos milagres que depois realizará ante o Faraó[18]. Assim, Moisés toma consciência de que as suas limitações não importam, porque Ele não o abandonará; percebe que será o Senhor quem libertará o povo do Egito: a única coisa que lhe compete fazer é ser um bom instrumento. Em qualquer chamada para uma vida cristã autêntica, Deus assegura ao homem o seu favor e mostra-lhe a sua proximidade: **Eu estarei contigo**. Estas palavras repetem-se em todos aqueles que receberam uma tarefa difícil em favor dos homens[19].

Fé e fidelidade à missão de Deus

Moisés, consciente da sua missão, guiou-se sempre pela confiança na promessa divina de levar o povo eleito até à terra prometida, pela segurança de que com o Senhor se superariam todos

os obstáculos. **Pela fé, celebrou a Páscoa e a aspersão do sangue, para que o exterminador não tocasse nos seus primogênitos. Pela fé, cruzaram o Mar Vermelho como se fosse terra seca, enquanto os egípcios que o tentaram foram engolidos pelas águas**[20]. Mas essa fé não se fundamentava só numa chamada recebida no passado, mas alimentava-se do diálogo simples e humilde com Deus. Deus é invisível, mas a fé fá-lo de certo modo visível, porque a fé é um modo de conhecer as coisas que não se veem[21]. A fé em Deus leva a viver a própria vocação com todas as suas consequências.

Como a fé está viva e deve desenvolver-se, o diálogo com Deus nunca termina. A oração inflama a fé e permite adquirir a consciência do sentido vocacional da própria existência. Surge assim a vida de fé, que liga a oração com o quotidiano e leva a dar-se aos demais, a explanar, no meio da vida corrente, a riqueza da própria vocação. Daí a importância de aprender e ensinar a fazer oração. Como ensinava S. Josemaria, ***muitas realidades materiais, técnicas, económicas, sociais, políticas, culturais ... abandonadas a si mesmas, ou nas mãos de quem carece da luz da nossa fé, convertem-se em obstáculos formidáveis à vida sobrenatural, formam como que um couto cerrado e hostil à Igreja. Tu, por seres cristão, investigador, literato, cientista, político, trabalhador...-, tens o dever de santificar essas realidades. Lembra-te de que o universo inteiro - escreve o Apóstolo - está a gemer como que em dores de parto, esperando a libertação dos filhos de Deus***[22].

Resumindo, em Moisés, manifesta-se de modo especial a relação entre fé, fidelidade e eficácia. Moisés é fiel e eficaz, porque o Senhor está perto dele e o Senhor está perto porque Moisés não desvia o seu olhar, e apresenta-Lhe as suas dúvidas, temores, insuficiências, com sinceridade. Inclusive quando tudo parece perdido, como quando o povo recém salvo fabrica um bezerro de ouro para adorá-lo, a confiança de Moisés no seu Senhor levá-lo-á a interceder pelo seu povo, e o pecado converte-se em ocasião de um novo começo, que manifesta com mais força a misericórdia de Deus[23]. Porque Deus «jamais se cansa de perdoar, mas nós, às vezes, cansamo-nos de pedir perdão»[24].

Como já mencionámos, a Carta aos Hebreus indica os momentos de maior relevo onde resplandece a fé de Moisés. Mas poderíamos percorrer toda a sua vida e detetar muitos outros episódios: obedeceu, também, por exemplo, quando subiu ao Sinai para recolher as tábuas da Lei e quando estabeleceu a ratificou a aliança de Deus com o seu povo. O elogio mais adequado e breve, encontramos-lo no final do livro do Deuteronomio: **não voltou a aparecer em Israel um profeta como Moisés, a quem o Senhor tratava cara a cara**[25].

A vida de Moisés esteve marcada pela sua vocação inseparavelmente unida à sua missão: Deus chama Moisés para libertar o seu povo e conduzi-lo a uma **terra boa e espaçosa, a uma terra que mana leite e mel**[26]. A libertação de Israel confiada a Moisés prefigurava a redenção cristã, verdadeira libertação. Jesus Cristo é quem, com a sua morte e ressurreição, resgatou o homem daquela escravidão radical que é o pecado, abrindo-lhe o caminho para a verdadeira Terra prometida, o Céu. O

antigo êxodo cumpre-se antes de mais dentro do próprio homem e consiste em acolher a graça. O homem velho deixa o lugar ao homem novo; a vida anterior fica para atrás, pode-se caminhar com uma vida nova[27]. E este êxodo espiritual é fonte de uma libertação integral, capaz de renovar qualquer dimensão humana, pessoal e social. Se tomamos consciência da nossa vocação e ajudamos os nossos amigos a tomar consciência da sua, levaremos a libertação de Cristo a todos os homens. Como nos diz o Santo Padre, devemos «aprender a sair de nós mesmos para ir ao encontro dos demais, para ir em direção às periferias da existência»[28]. **Ignem veni mittere in terram, fogo vim trazer à terra**[29], exclamava o Senhor, falando do seu amor ardente pelos homens. Ao que S. Josemaria sentia a necessidade de responder, pensando no mundo inteiro: **Ecce ego. Aquí me tens!**

S. Ausín – J. Yaniz

Notas

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 51.

[2] *Heb* 11, 27-29.

[3] *Rm* 4, 11.

[4] Bento XVI, *Motu proprio Porta fidei*, 11-X-2011, n. 11.

[5] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 46.

[6] *Heb* 11, 23.

[7] Cf. *Ex* 2, 1-10.

[8] *Heb* 11, 24-26.

[9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 194.

[10] *Ex* 2, 24.

[11] *Ex* 3, 1-4.

[12] *Ex* 3, 4.

[13] *Is* 43,1.

[14] S. Josemaria, *Caminho*, n. 984. Cf. P. Rodríguez, *Camino. Edición crítico-histórica*.

[15] *Ex* 3, 6.

[16] *Ex* 3, 14.

[17] *Ex* 3, 11.

[18] Cf. *Ex* 4, 1-9.

[19] Cf. *Gn* 28, 15; *Js* 1, 5; etc.

[20] *Heb* 11, 28-29.

[21] Cf. *Heb* 11, 1.

[22] S. Josemaria, *Sulco*, n. 311

[23] Cf. *Ex* 33, 1-17.

[24] Francisco, *Palavras no Angelus*, 17-III-2013.

[25] *Dt* 34, 10.

[26] *Ex* 3, 8.

[27] Cf. *Rm* 6, 4.

[28] Francisco, *Audiência*, 27-III-2013.

[29] *Lc* 12, 49.

DAVID

O rei David ocupa um lugar relevante na Sagrada Escritura. À sua vida são dedicadas mais páginas do que a qualquer outro personagem do Antigo Testamento, exceto Moisés. Ele “é por excelência o rei "segundo o coração de Deus", o pastor que ora pelo seu povo e em seu nome, aquele cuja submissão à vontade de Deus, cujo louvor e arrependimento serão o modelo da oração do povo”[1]. Depois de termos considerado o papel da fé na vida de Moisés e a profunda relação existente entre a sua confiança em Deus e o assumir com radicalidade a própria vocação, o exemplo de David pode servir-nos para apreciar, entre outros aspetos, como a vida de fé traz consigo uma atitude ativa de confiança e abandono nas mãos de Deus, um empenho por buscar, sem desânimos, a correspondência total aos desígnios divinos, um esforço por recomeçar a luta espiritual sem se deixar abater, uma e outra vez, com novo vigor, depois de uma queda no pecado; sem confundir tudo isso com um vago sentimento de presunção no próprio valor pessoal ou de confiança superficial na misericórdia divina.

Nas mãos de Deus

Os livros de Samuel e Primeiro dos Reis[2] descrevem com grande realismo a história de David: uma vida cheia de altos e baixos, em que o autor sagrado enfatiza o facto de que Deus sempre o atende e que o filho de Jessé se coloca sempre confiantemente nas

mãos de Deus, recorrendo a Ele, especialmente nos momentos de maior perigo. David abandona-se completamente nas mãos do Senhor, com “a certeza de que, por mais duras que sejam as provas, difíceis os problemas e pesado o sofrimento, nunca cairemos das mãos de Deus, essas mãos que nos criaram, nos sustentam e nos acompanham no caminho da vida, porque as guia um amor infinito e fiel”[3]. Junto a isto, chama a atenção a maneira como em David se vão cumprindo os desígnios divinos. É ungido rei pelo profeta Samuel, porque o Senhor o escolheu, apesar de que no momento histórico da sua chamada era considerado o de menor valor entre os seus irmãos, pois o olhar de Deus não é como o do homem. O homem vê a aparência, o Senhor vê o coração[4]. A unção, certamente, não concedeu por si só o trono a David: devia lutar – pondo sempre a sua confiança em Deus – contra a oposição de Saul e suportar muitas contradições em todos os lugares antes de ser aclamado e ungido, primeiro como rei de Judá pela sua tribo e, sete anos mais tarde, como rei de todo o Israel[5], superando a resistência dos partidários de Jisvi, filho de Saul. Afirma então o texto bíblico que David percebeu que o Senhor o confirmava como rei de Israel e exaltava a sua realeza, por causa do seu povo Israel[6].

Se num primeiro momento, portanto, parecia que David chegava ao trono e estabelecia o seu reino por meio da sua valentia e astúcia, na realidade, na sua história vemos cumprir-se que a atitude do homem de fé é olhar para a vida, em todas as suas dimensões, sob uma perspetiva nova: a que Deus nos dá [7]. A Sagrada Escritura permite-nos apreciar, além disso, que Deus conta com as iniciativas e esforços do homem para realizar os Seus projetos... O que teria acontecido se David, homem de fé, tivesse pensado que para receber

o que Deus havia prometido bastava deixar o tempo passar, ou, simplesmente, esperar que o povo fosse aclamá-lo?

Há muitos momentos na história de David em que podemos contemplar o exemplo da sua fé ativa, que o move a fazer o que deve e confiar em que Deus está ao seu lado assegurando o seu êxito. Um caso bem conhecido é o seu combate contra Goliás, aquele gigante do exército filisteu de uns três metros de altura e bem treinado para a guerra. O texto bíblico detém-se a descrever a corpulência e a armadura do filisteu e como era desproporcionado que David, até então um pastor de gado, inexperiente na guerra, cuja única arma era a sua funda, o enfrentasse. Porém, na verdade, o maior contraste estava na atitude que movia os dois combatentes: a soberba do filisteu, “que desafia o exército do Deus vivo”[8], choca perante a fé de David, que sai para o combate “em nome do Senhor dos exércitos”[9] convencido de que “o Senhor, que me salvou das garras do leão e do urso, salvar-me-á também das mãos desse filisteu”[10].

É essa fé que também move David a preparar-se da melhor forma possível para o combate: escolhe como arma a funda, cujo poder conhece bem, e seleciona cuidadosamente as pedras que vai lançar. Os meios são desproporcionados perante o equipamento do inimigo, porém com eles conseguirá a vitória. Cumprem-se aqui, cabalmente, essas palavras de S. Josemaria: ***Serve o teu Deus com retidão, sê-Lhe fiel... e não te preocupes com mais nada. Porque é uma grande verdade que, “se procuras o reino de Deus e a Sua justiça, Ele te dará o resto – o material, os meios – por acréscimo”***[11]. Por outro lado, a fé e confiança de David no Senhor levam-no a explorar toda a sua perícia. É uma lição que deixa ao cristão que deve levar avante as obras que Deus põe nas suas

mãos: ***Aquele que vive sinceramente a fé, sabe que os bens temporais são meios, e emprega-os com generosidade, de modo heroico***[12].

David atua colocando todos os meios ao seu alcance e abandona nas mãos de Deus os resultados da sua ação. A sua fé no Senhor faz com que não perca o ânimo, inclusive quando as circunstâncias adquirem tons dramáticos: *Diferentes textos das Escrituras, nas suas múltiplas alusões, confirmam-nos que inter médium montium pertransíbunt aquæ (Sl 103/104, 10). Essa certeza contrapõe-se até ao menor sinal de desalento, ainda que os obstáculos possam atingir grandes alturas; e este é o caminho oportuno para que cheguemos ao Céu, certos de que as águas divinas purificam e também impulsionam todas as nossas limitações para chegar a estar com Deus* [13].

A humildade de saber voltar a Deus

Ao mesmo tempo, a vida de David reflete outro aspeto importante desse saber-se nas mãos de Deus. A narração bíblica expõe com detalhes alguns graves pecados de David dos quais, pela sua fé e confiança em Deus, conseguiu purificar-se alcançando o perdão divino. Nesse sentido, talvez o episódio mais conhecido seja o seu gravíssimo pecado de adultério com Betsabé seguido do assassinato de Urias, seu legítimo esposo[14]. Um pecado que é fruto de uma vontade fraca, que terminou distorcendo e obscurecendo todo um amplo horizonte de graças divinas recebidas.

O segundo livro de Samuel conta que estando para começar a guerra contra os amonitas, David enviou o seu exército para o combate. Ele, no entanto, permaneceu em Jerusalém. O texto bíblico

descreve gradualmente as circunstâncias que conduziram à queda mortal de David: abandona o seu dever de dirigir o exército, como era então costume habitual entre os reis, preferindo ficar confortavelmente na cidade; passa o dia ocioso, levantando-se ao entardecer e passeando tranquilamente pelo terraço; deixa a vista vagar de um modo indiscreto e imprudente; aceita a tentação; envia mensageiros para informar-se da possibilidade de atuar de acordo com o seu desejo; e finalmente comete o gravíssimo pecado de adultério. A tudo isto se seguiu um pecado talvez ainda maior: planejar meticulosamente a morte do legítimo esposo de Betsabé, Urias o hitita, um dos seus oficiais mais leais, valente e generoso, enumerado entre o grupo dos grandes heróis do reino davídico em *2 Sam 23, 39*.

O relato mostra, paradigmaticamente, a impressionante capacidade do coração humano de fazer o mal, apesar das boas disposições previamente existentes e da abundância de dons divinos recebidos. David age de uma forma sem precedentes se considerarmos a fé que tinha mostrado no passado; porém deixou que a inveja e a sensualidade corrompessem a sua vontade. O ensinamento que o texto sagrado oferece é evidente: quando a procura do bem e do progresso na amizade com Deus é negligenciada, a vontade tende a distorcer-se até obscurecer totalmente a inteligência, levando o homem a cometer os crimes mais ardilosos. Todos os cristãos podem cair neste perigo; por isso S. Josemaria deixou escrito: ***Não te assustes nem desanimes ao descobrir que tens erros..., e que erros! Luta por arrancá-los. E, desde que lutes, convence-te de que é bom que***

sintas todas essas fraquezas, porque, de outro modo, serias um soberbo: e a soberba afasta de Deus. [15].

O profeta Natã será o meio usado por Deus para tirar o rei da sua triste situação. Natã utilizará uma parábola de inusitada beleza, uma das primeiras que encontramos na Bíblia, apresentando-a como um facto real. O profeta expõe o caso de um homem rico que tinha ovelhas e bois em abundância, mas que, para acolher um hóspede, não querendo fazer uso dos seus bens, tira de um homem pobre da cidade a única coisa que tinha e amava, uma ovelhinha que era para ele como uma filha[16]. Perante a indignação de David, Natã mostrará ao rei que ele era esse homem rico, que havia abusado da confiança de Urias e o havia despojado do seu maior bem. David não pode deixar de reconhecer o seu grave pecado e a enorme injustiça que tinha cometido: ***Pequei contra o Senhor***[17]. Deve-se acrescentar algo particularmente notável na recriminação de Natã: a nobre delicadeza, que não desfoca a clareza com que o profeta fez o rei compreender o mal gravíssimo que tinha cometido, levando-o assim a uma verdadeira e sentida compunção.

Com as suas palavras, Natã consegue despertar a consciência e a fé de David, e anima-o a procurar o perdão divino, que lhe é dado ao confessar o seu pecado diante do Senhor. Foi o início de uma nova vida, que levou o rei a aproximar-se ainda mais do Deus de Israel. Temos um exemplo vivo de como no caminho para a santidade, é importante lutar para não cair, mas é ainda mais importante não ficar caído no chão[18]. Segundo uma antiga tradição, a dor manifestada por David diante da consciência do seu pecado ficou registada no Salmo 50, conhecido como o salmo *Miserere*. Nesta oração, por um lado, o salmista reconhece com verdadeira dor o mal

cometido, confessa o seu pecado, que significa uma ofensa a Deus e dirige-se a Ele pedindo-lhe que, pela Sua bondade e misericórdia, o purifique[19]; por outro lado, mostra a sua confiança plena na misericórdia divina, pois reconhece que a graça de Deus é mais forte do que a sua miséria[20], e faz um propósito firme e decidido: compromete-se, como manifestação do seu arrependimento sincero, a mudar de vida e a mostrar aos homens os caminhos de Deus para que se convertam[21].

O Salmo reflete bem qual devia ser a disposição interior de David quando percebeu claramente a gravidade do seu pecado. Não pensou que estivesse perdido, não deixou que a sua queda o mantivesse afastado de Deus, mas levou-o a procurar a misericórdia divina, sabendo que era muito maior do que o seu pecado, por mais terrível que fosse. Um exemplo que a Escritura faculta às nossas vidas, à nossa mesquinhez e debilidade, que a soberba se empenha em tornar grande. ***Neste torneio de amor não devem entristecer-nos as quedas, nem sequer as quedas graves, se recorreremos a Deus no Sacramento da Penitência, com dor e com um bom propósito. O cristão não é um maníaco colecionador de folhas imaculadas de bons serviços*** [22]. Tantas vezes somos nós mesmos, por assim dizer, que não estamos dispostos a nos perdoar, porque gostaríamos de não falhar, ser perfeitos, irrepreensíveis.

O Senhor ama-nos como somos. “Ele sempre nos espera, ama-nos, perdoou-nos com o Seu sangue e perdoa-nos cada vez que nos dirigimos a Ele para pedir o perdão”[23]. Ele é nosso Pai, que nos conhece melhor do que nós mesmos e responde à nossa debilidade com a Sua infinita paciência; de facto, o caminho para a santidade “é

uma espécie de diálogo entre a nossa fraqueza e a paciência de Deus – um diálogo, que, se entrarmos nele, nos dá esperança”[24]. Deus não quer que condescendamos com as nossas faltas: deseja e ajuda-nos para que caminhemos pelos caminhos da vida interior com elegância, com desenvoltura, sem termos medo de cair porque sabemos que estamos nas Suas mãos, prontas a perdoar-nos e a abençoar-nos; porque sabemos que, se cairmos, com a Sua graça que nunca nos faltará podemos voltar a levantar-nos e a caminhar melhor que antes. Por isso, “a paciência de Deus deve encontrar em nós a coragem de regressar a Ele, qualquer que seja o erro, qualquer que seja o pecado na nossa vida”[25].

De tudo isso nos dá exemplo David, que sabe oferecer ao Senhor o que Ele mais deseja: **um coração contrito**[26], amante, completamente dirigido a Ele, com a confiança posta n’Ele. Todos podemos dirigir-nos a esse rei bíblico que, com todas as suas debilidades, soube ser “um orante apaixonado, um homem que sabia o que quer dizer suplicar e louvar”[27].

A. Aranda e Miguel Ángel Tabet

Notas

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2579.

[2] Cfr. particularmente de *1 Sm* 16 a *1 Re* 2, 12. Cfr. também *1 Cr* 10-29 e *Sir* 7, 1-11.

[3] Bento XVI, *Audiência Geral*, 15-II-2012.

[4] *1 Sm* 16, 7.

[5] Cf *2 Sm* 2, 4; 5, 3.

- [6] 2 Sm 5, 12.
- [7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 46.
- [8] 1 Sm 17, 26. 36.
- [9] 1 Sm 17, 45.
- [10] 1 Sm 17, 37.
- [11] S. Josemaria *Caminho*, n. 472.
- [12] S. Josemaria *Forja*, 525.
- [13] D. Javier Echevarría, *Carta Pastoral sobre o "Ano da Fé"*, 29-IX-2012, n. 6.
- [14] Cf. 2 Sm 11.
- [15] S. Josemaria, *Forja*, 181.
- [16] Cf. 2 Sm 12, 1-14.
- [17] 2 Sm 12, 13.
- [18] Cf. Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, Planeta, 2016.
- [19] Cf. *Sal* 50, 3-9.
- [20] Cf. *Sal* 51 (50): 9-14.
- [21] Cf. *Sal* 51 (50), 15-18.
- [22] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 75.
- [23] Francisco, *Regina coeli*. Praça de S. Pedro. Domingo da Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013
- [24] Francisco, *Homilia* na Basílica de São João de Latrão. II Domingo de Páscoa ou Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013.

Tomada de posse da cátedra do Bispo de Roma.

[25] Ibid.

[26] *Sal* 51 (50), 19.

[27] Bento XVI, *Audiência Geral*, Praça de S. Pedro, 22 de junho de 2011.

O PROFETA ELIAS

Depois de Abraão, Moisés e David, surge um dos homens mais célebres do Antigo Testamento: o profeta Elias, que o *Catecismo da Igreja Católica* designa como «o pai dos profetas, “da geração dos que procuram Deus, dos que buscam a Sua Face” (*Sal* 24, 6)»[1], e que, como Moisés, foi um grande amigo de Deus. O seu exemplo pode servir-nos para considerar uma exigência da fé: a necessidade de uma grande intimidade com o Senhor. A vida de Elias – que «era um homem semelhante a nós»[2] – mostra como Deus ajuda aqueles que recorrem a Ele por meio da oração, especialmente nas dificuldades.

Que todo este povo saiba que Tu, Javé, és Deus

Elias, o tisbita, viveu no reino de Israel durante o século VIII a.C. O seu nome, que significa «o meu Deus é Javé», sintetiza o aspeto central da sua missão: lembrar que Javé é o único e verdadeiro Deus e que só a Ele se deve dar culto. E fazê-lo precisamente quando o rei Acab, por influência da sua mulher Jezabel, adorava um deus estrangeiro e o culto ao verdadeiro Deus convivia com a idolatria[3]. «O povo adorava Baal, o ídolo tranquilizador do qual se acreditava que derivava o dom da chuva e ao qual, por isso, se atribuía o poder de dar fertilidade aos campos e vida aos homens e ao gado. Embora pretendesse seguir o Senhor, Deus invisível e misterioso, o povo

procurava a segurança também num deus compreensível e previsível, do qual julgava que podia obter a fecundidade e a prosperidade»[4].

Nesta situação, Deus escolherá Elias para ser seu porta-voz diante dos homens. O profeta anuncia a Acab as consequências da sua apostasia: «pela vida do Senhor, Deus de Israel, a quem sirvo: nestes anos não haverá nem orvalho nem chuva, senão quando eu disser!»[5].

Anos mais tarde, quando os efeitos da seca se tornaram dramáticos[6], o Senhor envia de novo Elias ao rei. O profeta pede a Acab que reúna todo Israel e os profetas de Baal no monte Carmelo. O rei concorda, e então Elias lança o seu desafio: «Eu sou o único profeta do Senhor que resta, ao passo que os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta. Que nos deem dois novilhos. Eles que escolham um novilho e, depois de cortá-lo em pedaços, o coloquem sobre a lenha, sem pôr fogo por baixo. Eu prepararei depois o outro novilho e o colocarei sobre a lenha, e também não lhe porei fogo. Em seguida, invocareis o nome de vosso deus e eu invocarei o nome do Senhor. O deus que ouvir, enviando fogo, este é o Deus verdadeiro»[7]. A proposta foi colocada para que todos possam reconhecer quem é o verdadeiro Deus, já que o pecado do povo não consistia em ter esquecido completamente o Senhor, mas em colocá-lo junto a outro deus.

As invocações dos numerosos profetas de Baal prolongam-se por várias horas, porém não conseguem nada. Ao contrário, a oração de Elias encontra uma resposta imediata: cai fogo do céu que consome o novilho, a lenha e inclusive a água que o profeta havia mandado derramar em abundância sobre a vítima do sacrifício. Diante da

evidência, o povo exclama unânime, com o rosto por terra: «O Senhor é o verdadeiro Deus!»[8] O culto a Baal, deus da chuva, tinha-se revelado falso e a existência de outros deuses além de Javé fica descartada.

Durante o confronto, Elias move-se com a serenidade da fé, com a certeza de quem sabe que se encontra nas mãos de quem é mais forte do que a natureza e do que os homens. As zombarias que dirige aos profetas de Baal enquanto invocam o seu deus são o resultado bem eloquente da sua confiança em que o Senhor intervirá em seu favor: «Gritem mais alto, já que ele é um deus. Quem sabe se está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja a dormir e precise de ser despertado.» [9].

Com razão se pode chamar a Elias o profeta do primeiro mandamento, que manda crer em Deus e adorá-Lo, amando-O sobre todas as coisas, sem ir atrás de outros deuses[10]. Elias defende a primeira consequência do preceito: dar culto só ao Senhor.

Explicava Bento XVI: «somente assim Deus é reconhecido por aquilo que é, Absoluto e Transcendente, sem a possibilidade de lhe pôr ao lado outros deuses, que O negariam como Absoluto, tornando-o relativo. Esta é a fé que faz de Israel o povo de Deus; trata-se da fé proclamada no conhecido texto do *Shemá Israel*: “Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, toda a tua alma e todas as tuas forças” (Dt 6, 4-5)»[11].

O homem não pode pôr o único Deus junto a outros deuses. Mesmo que tenham passado muitos séculos e as circunstâncias

atuais sejam diferentes das do antigo Israel, a tentação de tirar Deus do lugar que Lhe corresponde continua tão presente como outrora.

Ao descobrir na nossa própria vida interesses, gostos, ou preocupações que tendem a ocupar o primeiro lugar na cabeça ou no coração, podemos pedir ao Senhor que avive a nossa fé e a torne realmente operativa, de modo que nada – nem uma criatura, nem um pensamento ou desejo do nosso próprio eu – diminua a dedicação total que Lhe devemos.

Como nos recorda o Papa Francisco, «cada um de nós, na própria vida, de maneira consciente e talvez às vezes sem dar-nos conta, tem uma ordem muito precisa das coisas consideradas mais ou menos importantes. Adorar o Senhor quer dizer dar-Lhe o lugar que Lhe corresponde; adorar o Senhor quer dizer afirmar, crer – mas não simplesmente de palavra – que unicamente Ele guia verdadeiramente a nossa vida; adorar o Senhor quer dizer que estamos convencidos que Ele é o único Deus, o Deus da nossa vida, o Deus da nossa história»[12].

A atuação de Elias anima-nos também a ser valentes à hora de dar testemunho público da nossa fé, diante das intenções – velhas, mas que se renovam continuamente – de reduzir a religião a uma questão particular. Pretende-se excluir da vida social toda a referência a Deus, como se falar Dele ofendesse algumas sensibilidades.

Para Elias, a sua própria fidelidade ao Senhor não é suficiente. No Monte Carmelo reza para que todo o Israel saiba que Javé é o verdadeiro Deus, que converte os corações[13]. A fé não pode ficar fechada: «nasce da escuta, e fortalece-se no anúncio»[14], «implica

um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que crer é um facto privado»[15].

Toma a minha vida, pois eu não sou melhor do que os meus pais!

Após o holocausto do Carmelo, o povo reconhece que Javé é Deus. Pouco depois o rei será testemunha de como o profeta consegue do Senhor o fim da seca[16]. Porém no momento em que se poderia considerar o maior triunfo de Elias, a sua história sofre uma reviravolta inesperada: a esposa do rei, indignada pelo que ele fez, propõe-se executá-lo. Diante da ameaça, Elias tem medo e foge, fugindo deserto adentro. Extenuado pela caminhada e pela amargura que devia experimentar ao ver-se abandonado diante do ódio da rainha, desejou a morte dizendo: «agora basta, Senhor, toma a minha vida, pois não sou melhor do que os meus pais»[17].

Durante anos, Elias foi a única testemunha de Deus em Israel; além disso acabara de enfrentar quatrocentos e cinquenta profetas de Baal diante de todo o povo e com a hostilidade do rei. Agora, em troca, aterroriza-se diante das ameaças de Jezabel e foge para o mais longe possível. Onde ficou a sua segurança? Já não confia no Senhor, que o acompanhou até agora com tantos prodígios?

Também há episódios na vida de S. Josemaria em que, como Elias, experimentou o medo. Por exemplo, na véspera do dia 2 de outubro de 1936. Eram os primeiros meses da guerra civil espanhola, e o nosso Fundador estava escondido em Madrid com outras pessoas, quando lhe anunciaram uma rusga militar iminente que lhes poderia acarretar o fuzilamento. Ante a proximidade da morte, sentiu «por um lado, a alegria imensa de ir unir-me definitivamente

com a Trindade; por outro, a clareza com que Ele me fazia ver que eu não valho nada, não posso nada, e, por isso, tremia com autêntico medo»[18].

Talvez não tenhamos passado por uma situação tão extrema, mas podemos ter sentido o desalento ao receber uma má notícia, ou diante de um aparente fracasso apostólico, ou ao comprovar o tamanho da própria miséria. No entanto, Deus conhece melhor que nós o pouco que somos: só nos pede «a humildade de o reconheceres e a luta para retificares, para O servires cada vez melhor, com mais vida interior, com uma oração contínua, com a piedade e com o emprego dos meios adequados para santificares o teu trabalho.»[19]

Como a Elias, as circunstâncias adversas devem levar-nos a invocar confiada e sinceramente o Senhor. É o momento de exercitar a virtude da fé, que, unida à esperança, se torna mais necessária na hora da solidão e do aparente fracasso do que na hora do triunfo e da aclamação popular. A oração de Elias nesse momento de desânimo foi uma oração agradável a Deus, porque vinha de um coração sincero e humilde, que ardia de zelo pelas coisas do Senhor e aceitava tudo o que dele pudesse vir. E diante dessa oração, a resposta não demora a chegar: por duas vezes, Deus envia um anjo, que o acorda e manda que coma e beba. Elias «levantou-se, comeu e bebeu, e, com a força desse alimento, andou quarenta dias e quarenta noites, até chegar ao Horeb, o monte de Deus»[20].

Nosso Senhor não abandona os que trabalham por Ele. Elias, o homem de Deus, viveu Dele em todo o momento; Deus sustentou-o nas adversidades, ajudando-o a perseverar, deu-lhe os meios de que necessitava para cumprir a sua missão. Apesar das dificuldades e dos

altos e baixos, vemos que a sua vida foi fecunda, serena, feliz. Os profetas de Baal, pelo contrário, recebiam o seu alimento na corte. Talvez pensassem que adulando a rainha, dobrando os joelhos diante de Baal, asseguravam para si uma vida tranquila. Não foi assim: é preferível sentar-se à mesa do Senhor que à dos ídolos; é melhor ser escravo do Senhor que escravo do pecado[21].

Não há maior liberdade para o homem do que a de reconhecer a sua condição de criatura e adorar a Deus: esse é o remédio mais eficaz contra todas as idolatrias: *«quem se inclina perante Jesus não pode e não deve prostrar-se diante de nenhum poder terreno, mesmo que seja forte. Nós, cristãos, só nos ajoelhamos diante do Santíssimo Sacramento»*[22].

Juan Carlos Ossandón

Notas

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, 2582.

[2] *Tg* 5, 17.

[3] Cf. *1 Re* 16, 31.

[4] Bento XVI, Audiência geral, 15/06/2011.

[5] *1 Re* 17, 1.

[6] Cf. *1 Re* 18, 5.

[7] *1 Re* 18, 22-24.

[8] *1 Re* 18, 39.

[9] *1 Re* 18, 27.

[10] Cf. *Dt* 6, 14.

- [11] Bento XVI, Audiência geral 15/06/2011.
- [12] Francisco, homilia, 14/04/2013.
- [13] Cf. 1 Re 18,37
- [14] Francisco, homilia, 14/04/2013
- [15] Bento XVI, Motu próprio *Porta fidei*, 11/10/2011, n. 10
- [16] Cf. 1 Re 18, 41-46
- [17] 1 Re 19,4
- [18] Palavras de S. Josemaria publicadas em J. Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaría Escrivá*. Diel, Lisboa, 2000
- [19] S. Josemaria, *Forja*, n. 379
- [20] 1 Re 19,8
- [21] Cf. *Amigos de Deus*, nn. 34-35
- [22] Bento XVI, homilia na solenidade do *Corpus Christi*, 22/05/2008

MARIA, MODELO E MESTRA DE FÉ

Depois de meditar sobre diversos aspetos da fé por meio da contemplação da vida de grandes figuras do Antigo Testamento – Abraão, Moisés, David e Elias –, continuamos a percorrer esta história da nossa fé também pelas mãos de personagens do Novo Testamento, em que, com Cristo, a Revelação chega à sua plenitude e cumprimento: «Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho»[1].

Ícone perfeito da fé

«Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei» [2]. Na atitude de fé da Santíssima Virgem, concentrou-se toda a esperança do Antigo Testamento na chegada do Salvador: «em Maria (...) tem cumprimento a longa história de fé do Antigo Testamento, com a narração de tantas mulheres fiéis a começar por Sara; mulheres que eram, juntamente com os Patriarcas, o lugar onde a promessa de Deus se cumpria e a vida nova desabrochava»[3]. Como Abraão – «nosso pai na fé»[4] –, que deixou a sua terra confiando na promessa de Deus, Maria abandona-se com total confiança na palavra que o Anjo lhe anuncia, convertendo-se assim em modelo e mãe dos crentes. A Virgem, «ícone perfeito da fé»[5], acreditou que

nada é impossível a Deus e tornou possível que o Verbo habitasse entre os homens.

A nossa Mãe é modelo de fé. «Pela fé, Maria acolheu a palavra do Anjo e acreditou no anúncio de que seria Mãe de Deus na obediência da Sua dedicação (cf. *Lc* 1, 38). Ao visitar Isabel, elevou o Seu cântico de louvor ao Altíssimo pelas maravilhas que realizava em quantos a Ele se confiavam (cf. *Lc* 1, 46-55). Com alegria e trepidação, deu à luz o Seu Filho unigênito, mantendo intacta a Sua virgindade (cf. *Lc* 2, 6-7). Confiando em José, Seu Esposo, levou Jesus para o Egito a fim de O salvar da perseguição de Herodes (cf. *Mt* 2, 13-15). Com a mesma fé, seguiu o Senhor na Sua pregação e permaneceu ao Seu lado mesmo no Gólgota (cf. *Jo* 19, 25-27). Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus e, conservando no coração a memória de tudo (cf. *Lc* 2, 19.51), transmitiu-a aos Doze reunidos com Ela no Cenáculo para receberem o Espírito Santo (cf. *At* 1, 14; 2, 1-4)”[6].

A Virgem Santíssima viveu a fé numa existência plenamente humana, de uma mulher comum. Durante a Sua vida terrena, Maria não foi poupada nem à experiência da dor, nem ao cansaço do trabalho, nem ao claro-escuro da fé. Àquela mulher do povo que um dia prorrompeu em louvores a Jesus, exclamando: Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos que Te amamentaram, o Senhor responde: Antes bem-aventurados os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática. Era o elogio de Sua Mãe, do Seu *fiat*, do faça-se sincero, rendido, posto em prática até às últimas consequências, e que não se manifestou em ações aparatosas, mas no sacrifício escondido e silencioso de cada dia[7].

A Santíssima Virgem «vive totalmente *da e em* relação com o Senhor; põe-Se em atitude de escuta, atenta a captar os sinais de Deus no caminho do Seu povo; está inserida numa história de fé e de esperança nas promessas de Deus, que constitui o tecido da Sua existência»[8].

Mestra de fé

Pela fé, Maria penetrou no Mistério de Deus Uno e Trino como nenhuma outra criatura, e, como «mãe da nossa fé»[9], fez-nos participantes desse conhecimento. Nunca aprofundaremos bastante este mistério inefável; nunca poderemos agradecer suficientemente à nossa Mãe familiaridade com a Trindade Beatíssima que Ela nos deu[10].

A Virgem é mestra de fé. Toda a realização da fé na nossa existência tem o seu protótipo em Santa Maria: o compromisso com Deus e o conformar as circunstâncias da vida ordinária à luz da fé, também nos momentos de escuridão. A nossa Mãe ensina-nos a estar totalmente abertos à vontade divina «ainda que seja misteriosa, embora muitas vezes não corresponda à própria vontade e seja uma espada que trespassa a alma, como profeticamente o velho Simeão dirá a Maria no momento em que Jesus é apresentado no Templo (cf. *Lc 2, 35*)»[11]. A Sua plena confiança no Deus fiel e nas Suas promessas não diminui, embora as palavras do Senhor sejam difíceis ou, aparentemente, impossíveis de acolher.

Por isso, se a nossa fé for débil, recorramos a Maria[12]. Na escuridão da Cruz, a fé e a docilidade da Virgem dão um fruto inesperado. Em João, Cristo confia à Sua Mãe todos os homens e especialmente os Seus discípulos: os que haviam de crer n'Ele[13]. A

Sua maternidade estende-se a todo o Corpo Místico do Senhor. Jesus dá-nos como mãe a Sua Mãe, coloca-nos sob o Seu cuidado, oferece-nos a Sua intercessão. Por esse motivo, a Igreja convida, constantemente, os fiéis a dirigir-se com particular devoção a Maria.

A nossa fragilidade não é obstáculo para a graça. Deus conta com ela, e por isso nos deu uma mãe. «Nesta luta que os discípulos devem enfrentar – todos nós, todos os discípulos de Jesus devemos enfrentar esta luta –, Maria não os deixa sozinhos; a Mãe de Cristo e da Igreja está sempre connosco. Sempre caminha connosco, está connosco (...), Maria acompanha-nos, luta connosco, sustenta os cristãos no combate contra as forças do mal»[14].

A Virgem é a melhor mestra da escola da fé, pois sempre Se manteve numa atitude de confiança, de abertura, de visão sobrenatural, diante de tudo o que acontecia ao Seu redor. Assim Ela nos é apresentada no Evangelho: «Maria conservava todas estas coisas dentro de Si, ponderando-as no Seu coração. Procuremos nós imitá-La, conversando com o Senhor, num diálogo enamorado, de tudo o que se passa connosco, até dos acontecimentos mais triviais. Não esqueçamos que temos de pesá-los, avaliá-los, vê-los com olhos de fé, para descobrir a Vontade de Deus»[15]. O Seu caminho de fé, mesmo que de modo diferente, é parecido com o de cada um de nós: há momentos de luz, porém também momentos de uma certa obscuridade em relação à Vontade divina: quando encontraram Jesus no Templo, Maria e José, «não compreenderam o que Ele lhes dissera»[16]. Se, como a Virgem, acolhemos o dom da fé e pomos no Senhor toda a nossa confiança, viveremos cada situação *cum gaudio et pace* – com o gozo e a paz dos filhos de Deus.

Imitar a fé de Maria

«Assim, em Maria, o caminho de fé do Antigo Testamento foi assumido no seguimento de Jesus e deixa-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado»[17]. Na Anunciação, a resposta da Virgem resume a Sua fé como compromisso, como entrega, como vocação: «Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em Mim segundo a Tua palavra»[18]. Como Santa Maria, os cristãos devemos viver «voltados para Deus, pronunciando esse *fiat mihi secundum verbum tuum* (...) faça-se em mim segundo a Tua palavra, do qual depende a fidelidade à vocação pessoal, única e intransferível em cada caso, que nos fará cooperadores da obra de salvação que Deus realiza em nós e no mundo inteiro». [19].

Mas, como responder sempre com uma fé tão firme como Maria, sem perder a confiança em Deus? Imitando-A, tratando de que na nossa vida esteja presente esta Sua atitude básica diante da proximidade de Deus: não experimenta medo ou desconfiança, mas «entra em diálogo íntimo com a Palavra de Deus que lhe foi anunciada, não a considera superficialmente, mas detém-se, deixa-a penetrar na Sua mente e no Seu coração para compreender aquilo que o Senhor deseja d’Ela, o sentido do anúncio»[20]. Como a Virgem, procuremos reunir no nosso coração todos os acontecimentos que nos sucedem, reconhecendo que tudo provém da Vontade de Deus. Maria olha com profundidade, reflete, pondera, e assim entende os diferentes acontecimentos com a compreensão que só a fé pode dar. Quem dera que fosse essa – com a ajuda da nossa Mãe – a nossa resposta!

Imitar Maria, deixar que nos leve pela mão, contemplar a Sua vida conduz-nos também a suscitar naqueles que temos ao nosso redor – familiares e amigos – essa maior abertura à luz da fé: com o exemplo de uma vida coerente, com conversas pessoais, de amizade e confiança, com a necessária doutrina, para facilitar-lhes o encontro pessoal com Cristo por meio dos sacramentos e das práticas de piedade, no trabalho e no descanso. «Se nos identificarmos com Maria, se imitarmos as Suas virtudes, poderemos conseguir que Cristo nasça, pela graça, na alma de muitos que se identificarão com Ele pela acção do Espírito Santo. Se imitarmos Maria, participaremos de algum modo na Sua maternidade espiritual: em silêncio, como Nossa Senhora, sem que se note, quase sem palavras, com o testemunho íntegro e coerente de uma conduta cristã, com a generosidade de repetir sem cessar um *fiat* que se renova como algo íntimo entre Deus e nós.»[21].

Olhando para Maria, peçamos-Lhe que nos ajude a viver de fé e reconhecer Jesus presente nas nossas vidas: fé em que nada é comparável com o Amor de Deus que nos foi dado; fé em que não há impossíveis para quem trabalha por Cristo e com Ele na Sua Igreja; fé em que todos os homens podem converter-se a Deus; fé em que , apesar das próprias misérias e derrotas, pode refazer-nos totalmente com a Sua ajuda e a dos outros; fé nos meios de santidade que Deus colocou na Sua Obra, no valor sobrenatural do trabalho e das coisas pequenas; fé em que podemos reconduzir este mundo a Deus se nos deixarmos levar pela Sua mão. Em resumo, fé em que Deus coloca cada um nas melhores circunstâncias – de saúde ou doença, situação

pessoal, profissional, etc. – para chegarmos a ser santos, se correspondermos com a nossa luta diária.

«Jesus Cristo estabelece esta condição: que vivamos de fé, porque depois seremos capazes de remover montanhas. E há tantas coisas a remover... no mundo e, primeiro, no nosso coração! Tantos obstáculos à graça! Portanto, fé! Fé com obras, fé com sacrifício, fé com humildade, porque a fé converte-nos em criaturas onnipotentes: *Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo.*» (Mt 21, 22)[22]. Impulsionados pela força da fé, dizemos a Jesus: «Senhor, eu creio! Mas ajuda-me, para que eu creia mais e melhor! Dirigimos igualmente uma súplica a Santa Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, Mestre de fé: *Bem-aventurada Tu que creste, porque se hão-de cumprir as coisas que da parte do Senhor Te foram ditas.* (Lc 1, 45)[23]. “Ajudai, ó Mãe, a nossa fé!”[24].

F. Suárez – J. Yániz

Notas

[1] *Hb* 1, 1-2.

[2] *Gal* 4, 4.

[3] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 58.

[4] Missal Romano, Oração eucarística I.

[5] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 58.

[6] Bento XVI, Motu proprio *Porta fidei*, 11-X-2011, n. 13.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa* 172

[8] Bento XVI, Audiência geral, 19-XII-2012.

- [9] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 60.
- [10] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 276.
- [11] Bento XVI, Audiência geral, 19-XII-2012.
- [12] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 285.
- [13] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 288.
- [14] Francisco, Homilia, 15-VIII-2013.
- [15] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 285
- [16] *Lc 2*, 50.
- [17] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 58.
- [18] *Lc 1*, 38.
- [19] *Temas atuais do cristianismo*, 112
- [20] Bento XVI, Audiência geral, 19-XII-2012.
- [21] S Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 281.
- [22] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 203.
- [23] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 204.
- [24] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 60.

A FÉ DO CENTURIÃO

Conta S. Lucas que, terminado o sermão da montanha, Nosso Senhor entrou em Cafarnaum. “Havia um centurião que tinha um servo a quem estimava muito. Estava doente, à beira da morte. Tendo ouvido falar de Jesus, o centurião mandou alguns anciãos dos judeus pedir-Lhe que viesse curar o seu servo”[1]. É uma cena encantadora: no começo da vida pública do Senhor, durante o ministério na Galileia, eis que chega uma embaixada que solicita um milagre. É enviada por um centurião – um personagem importante na cidade –, que tem um servo gravemente doente e pede a sua cura.

O envio desses mensageiros é fruto de um sentimento de indignidade da parte do centurião: não se considerava digno de apresentar-se diante de Jesus, nem de que Jesus entrasse na sua casa, que era a casa de um «gentio». Tudo faz pensar que aquele oficial tinha em alto conceito a dignidade de Jesus e que conhecia os costumes e leis do povo judeu no que se refere ao trato com os «gentios». Por essa razão, quando sabe que Jesus vai à sua casa, envia uma segunda embaixada pedindo-Lhe que não Se incomode em ir até lá. Os enviados comunicam-no ao Senhor com umas palavras que a Igreja evoca diariamente na liturgia da Santa Missa: «*Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbo...*»[2]. Senhor, “eu não sou digno de que entres em minha casa (...). Mas diz uma só palavra, e meu servo ficará curado”[3]. O

Senhor louva esta atitude e exclama diante da multidão que O acompanha: “Em verdade vos digo: nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé”[4]. Quando os enviados voltaram para casa, o servo já estava curado. S. Lucas ressalta que Jesus *Se admirou* da humildade e da fé do centurião. Desta vez foi um «gentio», ou seja, alguém que não pertencia ao povo escolhido, que deu exemplo de «fé», enchendo de alegria o Senhor.

Uma adesão razoável

Jesus qualificou como *fé* o comportamento do centurião que tem muitas facetas: a confiança absoluta no poder do Senhor, a simples manifestação de humildade, a confissão pública da Sua dignidade. Tudo acontece diante da multidão que rodeia o Senhor, sem que o militar se acanhe em confessar a sua «indignidade» e de mostrar a sua fé. Jesus louva a decisão do centurião, em que estão unidas a humildade e a confiança na Sua Pessoa juntamente com o reconhecimento de que Ele vem em nome de Deus. Estas são as disposições que a Igreja deseja suscitar em nós quando, imediatamente antes de nos aproximarmos para receber a Sagrada Comunhão, nos dirigimos ao Senhor com essas mesmas palavras, aumentando assim as nossas disposições de fé, humildade e confiança.

O centurião ouviu falar de Jesus e do Seu poder de curar; talvez lhe tenham contado algumas palavras pronunciadas pelo Senhor no Sermão da Montanha, ou também algum milagre. Em qualquer caso, não pode ter ouvido muitas coisas, pois estamos no início da vida pública de Jesus. No entanto, o pouco que lhe chegou foi suficiente para fazê-lo acreditar e confiar em Jesus: algo deu ao seu coração

motivos suficientes para crer no Seu poder, e também para vislumbrar a «dignidade» do Senhor.

A fé é uma «adesão razoável» a Deus, pois se apoia em motivos que tornam razoável o crer, mais ainda, que nos dizem que devemos crer, pois, juntamente com a graça de Deus, dá-nos sinais suficientes que nos indicam que devemos confiar n' Ele. Não cremos no absurdo, mas em algo que está acima da nossa inteligência. E cremos, porque nos dão razões suficientes para nos abirmos à fé de maneira razoável e honesta. A fé não seria uma adesão a Deus, se não tivesse essas duas características: Deus quer o assentimento da nossa inteligência à Sua palavra, não a anulação da razão: quer a sua abertura à verdade, não que se cegue diante dela aderindo-se ao absurdo. Escreve Santo Ireneu, “como desde o princípio o ser humano foi dotado de livre arbítrio, Deus, a cuja imagem foi feito, sempre lhe deu o conselho de perseverar no bem, que se aperfeiçoa pela obediência a Deus. E não só quanto às obras, mas também quanto à fé, o Senhor respeitou a liberdade e o livre arbítrio do homem... Como se demonstra nas palavras de Jesus ao centurião: «Vai, que tudo se faça conforme a tua fé.»” [5].

A fé é um ato humano que aperfeiçoa o homem enquanto tal, e isto não seria assim, se o levasse a atuar contra a sua razão. A fé não é degradação da inteligência, mas abertura à verdade pelo caminho da confiança em Quem nos propõe. Essa confiança é essencial para que a fé seja razoável. No caso da fé teologal, trata-se de uma adesão que se deve a Deus e só a Ele. «A fé é antes de mais uma *adesão pessoal* do homem a Deus; é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, *o assentimento livre a toda a verdade que Deus revelou*. Como adesão pessoal a Deus e assentimento à verdade que Ele revelou, a fé cristã é

diferente da fé numa pessoa humana. É justo e bom entregar-se totalmente a Deus e crer absolutamente no que Ele diz» [6]: «é razoável ter fé n'Ele, construir a própria segurança sobre a Sua Palavra»[7].

Um coração simples

A fé é uma *adesão razoável* a Deus, mas a «racionalidade» da fé não justifica o que poderia ser qualificado como um «coração desconfiado», «um coração duro», que precisa de muitos motivos para crer. Vemos isso na atitude do Senhor diante daqueles que não aceitaram a Sua Ressurreição apesar dos testemunhos fiáveis que receberam. Conta S. Marcos que o Senhor “apareceu aos Onze, quando estavam sentados à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não acreditarem nos que O tinham visto ressuscitado”[8], isto é, não deram crédito ao testemunho daqueles que viram o Senhor ressuscitado antes deles. A reprovação pela *incredulidade e dureza* de coração destes discípulos é uma boa demonstração da importância de um coração aberto à fé, e é um contraponto exemplar que destaca a figura do centurião na sua abertura à fé *sem complicações*.

Para crer, são de grande importância a humildade e a simplicidade de coração, porque é no coração «que nos abrimos à verdade e ao amor, deixando que nos toquem e transformem profundamente»[9]. A fé compromete a pessoa inteira, pois é, antes de tudo, *confiança* em Deus que Se revela e *confiança* também n'Aquele que ofereceu o testemunho da Sua palavra e da Sua vida, e que continua oferecendo por meio da Sua Igreja: Jesus Cristo. Esta *confiança*, essencial na fé, implica não só a inteligência, mas também

o coração, «precisamente porque a fé se abre ao amor»[10]. Lemos na *Carta aos Romanos: Porque, se confessares com a tua boca: «Jesus é o Senhor», e acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou de entre os mortos, serás salvo. É que acreditar de coração leva a obter a justiça, e confessar com a boca leva a obter a salvação.* [11].

A fé é uma *adesão razoável* a Deus, porque é *fiar-se* n’Ele. O desejo excessivo de segurança, que brota da desconfiança, é um grave obstáculo à fé, que tem um caráter duplo de *dom*. Antes de mais é *dom* de Deus ao homem, é graça; depois, é também resposta do homem a Deus, *doaço* de si mesmo numa abertura confiante: «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade. Para que a compreensão da revelação seja sempre mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os Seus dons”[12].

Tudo é possível para quem crê

É uma fé cheia de confiança a que torna possível os «milagres», especialmente no apostolado. Já o anotou S. Josemaria em *Caminho*: “*Omnia possible sunt credenti*. – Tudo é possível para quem crê. – São palavras de Cristo. – Que fazes, que não Lhe dizes com os Apóstolos: *Adauge nobis fidem!*, aumenta-me a fé!?” [13]. Por este motivo, diante das dificuldades, geralmente repetia: “– *Ecce non est abbreviata manus Domini* – O braço de Deus, o seu poder, não encolheu!” [14]. E em outra ocasião, escrevia: “Dizes que és...

ninguém. - Que os outros levantaram e levantam agora maravilhas de organização, de imprensa, de propaganda. - Que têm todos os meios, enquanto tu não tens nenhum? Bem. Lembra-te de Inácio:- Ignorante, entre os doutores de Alcalá. - Pobre, pobríssimo, entre os estudantes de Paris. - Perseguido, caluniado. É o caminho: ama e crê e sofre! O teu Amor e a tua Fé e a tua Cruz são os meios infalíveis para lewares à prática e para eternizares as ânsias de apostolado que trazes no coração."[\[15\]](#).

São palavras escritas por S. Josemaria nos começos do Opus Dei, numas circunstâncias, às vezes humanamente duras, que pareciam tornar impossível o que Deus lhe pedia. As suas palavras e o seu exemplo podem servir-nos quando sentirmos especialmente o peso da nossa debilidade, e parecer que o que Deus pede a cada um é pouco menos que impossível. Nesses momentos, é necessário ouvir o nosso coração e pedir ao Senhor um coração simples, que não exige seguranças humanas, um coração como o do centurião de Cafarnaum. Um coração que, por estar aberto a Deus, é capaz de entregar-se generosamente aos outros com a certeza que dá a fé no amor de Deus e com a segurança que dá a esperança.

F.L. Mateo Seco (janeiro 2013)

[\[1\]](#) *Lc 7, 2-3.*

[\[2\]](#) Missal Romano, rito da comunhão. Cfr. *Mt 8, 8.*

[\[3\]](#) *Lc 7, 6-7.*

[\[4\]](#) *Lc 7, 9.*

[\[5\]](#) Santo Ireneu de Lyon, *Adversus haereses*, XXXVII, 1.5.

[\[6\]](#) *Catecismo da Igreja Católica*, n. 150.

- [7] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 23.
- [8] *Mc* 16, 14.
- [9] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 26.
- [10] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 26.
- [11] *Rom* 10, 9-10.
- [12] Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Dei Verbum*, n. 5.
- [13] S. Josemaria, *Caminho*, n. 588.
- [14] S. Josemaria, *Caminho*, n. 586.
- [15] S. Josemaria, *Caminho*, n. 474.

SÃO PEDRO E O CAMINHO DA FÉ

No capítulo anterior considerávamos como a vida de Santa Maria é modelo de fé para todo o cristão, pois a sua existência esteve sempre orientada para Deus e realizar a Sua Vontade. Além disso, «conservando no coração a memória de tudo (cf. *Lc* 2, 19.51), transmitiu-a aos Doze reunidos com Ela no Cenáculo para receberem o Espírito Santo» (cf. *At* 1, 14; 2, 1-4). Animados pelo exemplo e a proximidade da Virgem Maria, os apóstolos souberam dar um valente e frutuoso testemunho de fé, propagando o Evangelho pelo mundo inteiro.

No entanto, antes desse momento, os apóstolos tiveram que percorrer um longo caminho e amadurecer na sua fé. Enquanto acompanharam o Senhor pela terra, a sua generosidade – tinham deixado tudo para seguir Jesus – era compatível com uma fé vacilante ou, por vezes, excessivamente humana, como o próprio Senhor os repreendeu nalgumas ocasiões[1]. Ponhamos agora o nosso olhar nos apóstolos, especialmente em São Pedro, cabeça do colégio apostólico, para acompanhá-lo no seu caminho até a maturidade da fé. Será uma nova oportunidade para acolher o convite eterno a «uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo»[2].

O caminho da fé

Lemos no Evangelho que, depois da multiplicação dos pães, o Senhor manda os apóstolos irem “adiante dele para o outro lado do mar, enquanto ele despedia as multidões”[3]. Os apóstolos, então, sobem a uma barca e começam a atravessar o mar de Tiberíades, deixando o Senhor para trás, que fica orando. A narração evangélica enfatiza essa separação que se produz entre Jesus e os discípulos: «entretanto, já a boa distância da margem, a barca era agitada pelas ondas, pois o vento lhe era contrário»[4].

Não é difícil imaginar a confusão de sentimentos que devia reinar no coração dos apóstolos. Acabavam de presenciar um grande prodígio: dar de comer a mais de cinco mil pessoas com apenas cinco pães e dois peixes. E o milagre realizara-se nas suas próprias mãos, enquanto distribuíam a pouca comida que tinham: bastara obedecer a Jesus. Mas a alegria e euforia diante daquele evento desvaneceram-se. Agora, poucas horas depois, os apóstolos encontram-se sem Jesus e lutando contra uma tempestade.

Jesus está, aparentemente, longe. S. João Crisóstomo comenta esta passagem afirmando que, deixando-os ir adiante, sozinhos, Jesus queria despertar «nos Seus discípulos um desejo maior e uma contínua lembrança d’Ele mesmo»[5]. Fazê-los entender que a distância física é só uma distância aparente, porque Ele quer – e pode! – estar sempre próximo dos Seus discípulos. E por isso, «pela quarta vigília da noite, Jesus veio ter com eles, caminhando sobre o mar»[6]. Como era possível? Quem podia caminhar sobre o mar senão o que é criador do universo? Aquele de quem antigamente anunciara o Espírito Santo por meio do bem-aventurado Job: “Ele só estendeu a terra e caminha pelas ondas dos mares”[7]. Os da barca assustam-se, e começam a gritar «– É um fantasma!»[8]: não

esperam a aparição: ainda não sabem que Ele quer e pode estar junto deles, estejam onde estiverem. Jesus então acalma-os: «– Tende confiança, sou Eu. Não temais!»[9].

É nesse momento que se manifesta o caráter de Pedro. Ao escutar essas palavras, pede para fazer algo que é impossível de modo natural: Pedro respondeu-lhe: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas.»[10] O pedido contrasta com o pânico que se tinha desencadeado pouco antes na barca, e mostra o amor e a fé do príncipe dos apóstolos. Quer ir para junto do Senhor quanto antes. Jesus, apoiando-se neste desejo, chama-o: «–Vem»[11]. Isso é o que Deus precisa de nós: um coração pronto, desejoso. Ainda que seja fraco. Como acontece com todas as coisas maravilhosas que Deus faz a favor dos homens, necessita o nosso pouco, como ocorreu com os pães e os peixes.

O apóstolo quer chegar ao Senhor quanto antes, sentir-se seguro com Ele, porém não sabe muito bem o que pede. O seu amor leva-o a lançar-se às águas, e começa a caminhar: porém logo deixa que o temor se apodere do seu coração, e começa a afundar-se[12]. A que se deve essa mudança de atitude? Porquê assustar-se quando vê que Jesus cumpriu a Sua palavra, que está andando sobre o mar? O Evangelho diz-nos que o medo surgiu «ao ver que o vento era muito forte»[13], o suficiente para duvidar de que pudesse manter-se em pé sobre o mar agitado. Pedro teme cair e afogar-se, um temor que pode parecer absurdo visto que, de facto, está fazendo algo impossível. É como se Pedro perdesse de vista que o milagre só é possível porque Jesus o chamou, que é Ele quem o sustenta e lhe permite andar sobre as águas. Necessita de outras seguranças, também a de que será capaz de resistir, de que a sua força natural é suficiente para resistir

ao vento. E quando toma consciência de que essa confiança é infundada, deixa de crer na palavra de Jesus e começa a ir ao fundo.

Na vida do cristão, uma parte importante do caminho para a maturidade da fé está em aprender a confiar somente nas palavras de Jesus, sem deixar-nos empequenecer pela consciência das próprias limitações: «Viste? - Com Ele, pudeste! De que te admiras? Convence-te: não tens de que te admirar. Confiando em Deus (confiando deveras!), as coisas acabam por ser fáceis. E, além disso, ultrapassa-se sempre o limite do imaginado»[14], porque é Ele quem faz as coisas «antes, mais e melhor»[15].

No entanto, apesar das suas dúvidas, Pedro dá-nos uma lição: a sua fé e a sua confiança podem estar entorpecidas pelo temor às circunstâncias, porém faz um último esforço para lançar-se nos braços de Jesus: «- Senhor, salva-me!»[16]. E Jesus responde imediatamente, levanta-o, leva-o à barca, «faz a calma voltar sobre o mar. E todos ficam cheios de temor»[17]. É o temor que se sente perante as maravilhas de Deus; o alegre temor que supõe experimentar a ação da graça e do Espírito Santo. Portanto, como nos ensina o Papa, diante do pecado, a nostalgia e o medo, é necessário «olhar para o Senhor, contemplar o Senhor: somos fracos mas devemos ser valentes na nossa debilidade»[18], porque o Senhor sempre nos espera. «Basta-Lhe um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor, para derramar copiosamente a Sua graça sobre a alma do amigo»[19]. Ao experimentar a nossa debilidade dirigamo-nos ao Senhor: «Estende lá do alto a Tua mão, arranca-me das águas caudalosas e liberta-me do poder dos inimigos.»[20].

Sem desanimar

Pedro recebeu uma lição. Duvidou, e ao mesmo tempo descobriu que o seu amor e a sua fé não eram tão fortes como pensava. Só com estas lições, o apóstolo poderá conhecer-se melhor e perceber que o seu amor é imperfeito, que ainda pensa demais em si mesmo: «Os primeiros Apóstolos estavam junto do barco velho e junto das redes rotas, remendando-as. O Senhor disse-lhes para O seguirem: e eles «statim», imediatamente, «relictis omnibus», abandonando todas as coisas, tudo!, seguiram-n'O...E acontece algumas vezes que nós, que desejamos imitá-los, não acabamos por abandonar tudo e fica-nos um apego no coração, um erro na nossa vida, que não queremos cortar para o oferecer ao Senhor. - Examina o teu coração bem a fundo? Não há-de ficar lá nada que não seja d'Ele; se não, não O amamos bem, nem tu nem eu...»[21].

«Quem é este, que até os ventos e o mar Lhe obedecem?»[22]. Apesar das patentes limitações dos homens, Cristo estimula, com a Sua presença, com as Suas palavras e com as Suas ações, o amor e a fé daqueles que depois enviaria por todo o mundo. Em Cesareia de Filipe, Pedro confessa claramente que Jesus é o Messias prometido e que Ele é o Filho de Deus: «tu és o Cristo, o filho do Deus vivo»[23]. Todavia convém considerar que, «quando confessou a sua fé em Jesus, não o fez pelas suas capacidades humanas, mas porque tinha sido conquistado pela graça que Jesus irradiava, pelo amor que sentia nas Suas palavras e via em Seus gestos: Jesus era o amor de Deus em pessoa!»[24].

Sem dúvida, a confissão de Pedro não significa que a sua fé já fosse perfeita. De facto, pouco depois, vemos Pedro querendo afastar Jesus da Paixão[25], e recebendo, por isso, a recriminação do Mestre. A vida de fé sempre pode crescer. Pedro continuará a lutar

contra o medo, contra uma visão excessivamente humana da sua missão, contra certa ignorância do valor da cruz e do sofrimento. Até perguntará sobre uma possível recompensa para aqueles que, como ele, deixaram tudo para seguir o Senhor[26], assustar-se-á no Tabor e, inclusive, negará o Senhor[27]. Em todos esses casos, o Príncipe dos Apóstolos saberá voltar para Jesus. Aceitará as Suas repreensões, buscará o Seu olhar, confiará na Sua misericórdia. A fé é um caminho de humildade, que implica “confiar-se a um amor misericordioso, que sempre acolhe e perdoa, que sustenta e orienta a existência, que se manifesta poderoso na sua capacidade de endireitar o torcido da nossa história”[28]. A fé é conhecimento verdadeiro, luz, que também nos torna conscientes da própria pequenez, e destrói as falsas concepções e os auto-enganos. A fé torna-nos humildes e simples: prepara esta matéria-prima de que Deus precisa para fazer-nos santos, para que O ajudemos a transformar o mundo. E assim, «Pedro tem que aprender que é débil e precisa do perdão. Quando finalmente cai em si e entende a verdade do seu coração fraco de pecador que crê, desata num choro de arrependimento libertador. Depois desse pranto já está pronto para a missão»[29].

Comprovar a nossa debilidade pessoal e perceber que a nossa fé não é tão forte como gostaríamos não nos deve preocupar. O Senhor quer todo o nosso coração, e não Lhe importa que seja fraco. Deus conforma-Se com que Lhe demos tudo o que podemos dar. De algum modo, poderíamos pensar que é precisamente esta a última lição que Jesus ensina a Pedro. Depois da ressurreição o Senhor sai ao encontro dos apóstolos junto ao mar de Tiberíades. E ali pergunta a Pedro três vezes: “Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes?”[30]. As perguntas relembrariam ao apóstolo a sua tripla

negação, e entristecer-se-ia diante da insistência de Jesus, como se não confiasse mais n'Ele. Porém acaba por entender: a Jesus basta o amor que Pedro é capaz de dar-Lhe. Um amor talvez imperfeito – mesmo que deva ser muito mais do que possamos imaginar, pela grandeza de coração e de mente do pescador da Galileia –, mas Deus adapta-Se, por assim dizer, à capacidade que cada um tem de amar, e isso é o que nos faz capazes de seguir Cristo até ao fim.

«Desde aquele dia, Pedro “seguiu” o Mestre com a consciência clara da sua própria fragilidade; porém essa consciência não o desanimou, pois sabia que podia contar com a presença do Ressuscitado ao seu lado. Do entusiasmo ingénuo da adesão inicial, passando pela experiência dolorosa da negação e o pranto da conversão, Pedro chegou a confiar nesse Jesus que se adaptou à sua pobre capacidade de amar. E assim também nos mostra o caminho, apesar de toda a nossa debilidade. Nós seguimo-l'O com a nossa pobre capacidade de amar e sabemos que Ele é bom e nos aceita. Pedro teve que percorrer um longo caminho até se converter em testemunha confiável, em “pedra” da Igreja, por estar constantemente aberto à ação do Espírito de Jesus»[31]. Recorramos todo o dia a São Pedro, com mais fé e admiração, para que interceda por nós; *Sancte Petre, ora pro nobis!*

J. Yániz

Notas

[1] Cfr. *Mt* 6, 30; 8, 26; 16, 8; 17, 20; *Lc* 12, 28.

[2] Bento XVI, Motu próprio *Porta fidei*, 11-X-2011, n. 6.

[3] *Mt* 14, 22-23.

[4] *Mt* 14, 24.

[5] São João Crisóstomo, *In Matthaeum homiliae*, 50, 1.

[6] *Mt* 14, 25.

[7] Cromácio de Aquileia, *In Matthaei Evangelium tractatus*, 52,
2.

[8] *Mt* 14, 26

[9] *Mt* 24, 27.

[10] *Mt* 14, 28

[11] *Mt* 14, 29.

[12] Cfr. *Mt* 14, 30.

[13] *Mt* 14, 30

[14] S. Josemaria, *Sulco*, n. 123.

[15] S. Josemaria, *Sulco*, n. 462

[16] *Mt* 14, 30.

[17] Francisco, Homilia, 2-VII-2013.

[18] Francisco, Homilia, 2-VII-2013.

[19] S. Josemaria, *Via Sacra*, V estação.

[20] *Sal* 144, 7.

[21] S. Josemaria, *Forja*, n. 356.

[22] *Mt* 8, 27.

[23] *Mt* 16, 16.

[24] Francisco, Angelus, 29-VI-2013.

[25] Cfr. *Mt* 16, 22.

[26] Cfr. *Mt* 19, 27.

[27] Cfr. *Mt* 26, 33-35.

[28] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 13.

[29] Bento XVI, Audiência geral, 24-V-2006.

[30] *Jo* 21, 15.

[31] Bento XVI, Audiência geral, 24-V-2006.

MARTA E MARIA

Os evangelhos narram os percursos feitos por nosso Senhor pelos caminhos da Palestina. Nesses trajetos foram muitas as pessoas que se encontraram com Ele. Alguns, tristemente, não souberam reconhecer o Filho de Deus nessa figura misericordiosa, amável e extraordinária que lhes saía ao encontro. Outros, pelo contrário, acreditaram n'Ele e souberam *acolhê-l'O*. Assim fizeram as pessoas da Galileia que tinham visto os sinais realizados por Jesus[1] e muitos outros cujos nomes não ficaram recolhidos nos evangelhos. Mas entre os que disseram que sim a Cristo encontramos, por exemplo, os Doze, Zaqueu, o centurião... Noutros artigos anteriores considerámos o exemplo de fé que nos deram algumas dessas pessoas. Agora olharemos para Marta e Maria, que tiveram a maravilhosa fortuna de hospedar nosso Senhor.

A receção que Marta faz ao Senhor "em sua casa"[2] é expressão e resultado da sua fé n'Ele. Marta acreditou em Jesus. Abriu-lhe não só as portas da sua casa, mas também as do seu coração. E como a Marta, o Senhor bate também à porta dos corações dos homens e mulheres de todos os tempos, pedindo para entrar. A Palavra Eterna do Pai feita Homem sai ao encontro dos seus irmãos os homens procurando acolhimento. Pela nossa parte, só é necessário recebê-l'O pela fé, tal como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*: a fé é a resposta a Deus que se revela e se entrega ao homem[3]. A fé é abrir

as portas a Cristo, hospedá-l'O na própria casa, partilhar a mesa com Ele, deixar que entre até ao mais íntimo da alma. Assim fez a família de Betânia composta por Marta, Maria e Lázaro. E à semelhança deles, nós também podemos participar na intimidade divina, pois «a fé faz-nos saborear de antemão a alegria e a luz da visão beatífica, fim do nosso caminhar daqui de baixo», pois é «o começo da vida eterna»[4].

Fé com obras

A fé implica uma confiança e um abandono em Deus que constituem o começo da justificação. Além disso, esta virtude leva consigo o assentimento de um conjunto de verdades que se propõem para ser acreditadas. Ao mesmo tempo, a fé, se é verdadeira, "atua pela caridade"[5], manifestando-se em detalhes concretos de amor, porque o encontro com Cristo «dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva»[6] à vida quotidiana. A fé não «nos separa da realidade, antes nos permite captar o seu significado profundo, descobrir quanto Deus ama este mundo e como o orienta incessantemente para Si; e isto leva o cristão a comprometer-se, a viver com maior intensidade ainda o seu caminho sobre a terra»[7]. Marta acolhe o Senhor e manifesta a sua fé e confiança n'Ele ocupando-se "das tarefas de servir"[8]. Não só crê em Jesus, mas além disso deixa-O entrar na sua vida, reconhecendo o seu senhorio com obras e procurando com factos concretos obsequiar o Divino Hóspede.

A atitude de Marta manifesta que a resposta a Deus não se fica apenas no plano intelectual, nem só no afetivo, mas reconhece-se também pelos factos. Uma vez que a pessoa acolhe Deus que se

revela, a fé afeta o conjunto do seu ser e do seu atuar. Por isso, as obras – realizadas também por amor – são necessárias para a salvação. Santiago, diante da possibilidade de que alguém pudesse dizer que tem fé e não obras, diz: "mostra-me a tua fé sem obras, e eu pelas minhas obras te mostrarei a fé"[9]. As obras cooperam no crescimento e aumento da justificação[10]. Como ensina o *Catecismo*, «a fé permanece naquele que não pecou contra ela. Mas, "a fé sem obras está morta" (St 2,26): Privada da esperança e da caridade, a fé não une plenamente o fiel a Cristo nem faz dele um membro vivo do seu Corpo»[11].

Assim como Cristo manifestou o seu amor ao Pai com obras, os cristãos, como bons filhos, devemos realizar e amadurecer a nossa condição filial no nosso cumprimento amoroso da vontade de Deus. Não basta afirmar que cremos em Deus e nos abandonamos ao seu querer, se não o ratificamos com factos: se não acabamos bem o nosso trabalho por amor a Ele, se não sabemos sofrer por Ele, se não temos detalhes de delicadeza com os outros, se não aceitamos as doenças e contratempos, se nos queixamos diante do que nos desgosta... Santo Agostinho, sobre esta doutrina, escreve: «todas as tuas obras se devem basear na fé, porque "o justo vive da fé e a fé age por amor"[12]. As obras boas, as ações realizadas com esperança e por amor, serão as que nos acompanharão quando tivermos de apresentar-nos diante do Altíssimo. Isso é o que ensina S. Josemaría quando fala de uma *fé operativa*[13], uma fé que atua por amor e se manifesta na vida quotidiana das filhas e dos filhos de Deus.

Marta, mesmo quando inicialmente se queixa junto do Senhor pela aparente inatividade da sua irmã, é exemplo de confiança e fé em Jesus. S. Josemaría animava a seguir o seu exemplo, e a

"manifestar-lhe sinceramente as vossas inquietações, até as mais pequenas"[14]. Também para nós, o verdadeiro sinal de que cremos e amamos a Deus serão as obras de amor: o carinho que pomos em viver uma determinada prática de piedade ou uma devoção cristã, os detalhes de caridade com as pessoas que nos rodeiam, o cuidado do trabalho, o interesse em compreender e ajudar as pessoas com quem convivemos, e um sem fim de ações que enchem o nosso dia. Todas essas atividades devem refletir a nossa fé, porque estarão iniciadas e acabadas pelo amor a Deus e ao próximo. Os factos concretos realizados por amor confirmarão a autenticidade do que acreditamos, de que a fé atua em nós pela caridade.

Fé que adora

Certamente, as obras não devem sufocar a fé. Esse é o risco do ativismo, do fazer por fazer, do deixar-se levar por um turbilhão de ações. Jesus reprovou a Marta o esquecer-se do mais importante: "Tu preocupas-te e inquietas-te com muitas coisas. Mas uma só é necessária"[15]. É um ensinamento que o Senhor também recorda quando chama a atenção para o perigo de centrar-se nas necessidades materiais mais imediatas: Por todas essas coisas se esforçam as pessoas do mundo. Bem sabe o vosso Pai que estais necessitados delas. "Procurai antes o seu Reino, e o restovos será dado por acréscimo "[16]. O perigo de "atarefar-se em muitas coisas", do fazer, do ativismo, está sempre à espreita.

Por isso, a atividade que desempenhamos, e que queremos que esteja entretecida de obras de amor a Deus, tem necessidade da escuta atenta e contemplativa da Palavra divina. Assim o manifesta Maria, que, "sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra"[17].

É fácil imaginar a cena: Maria olhando sem pestanejar para Jesus e embebendo-se nas suas palavras. Por isso, a Tradição da Igreja viu nela uma imagem da vida contemplativa. S. Josemaria animava a tratar Jesus na oração como o fazia Maria, *ensimesmando-nos* como ela, que estava "pendente das palavras de Jesus"[18].

Se a fé sem obras está morta, a fé que não se alimenta da adoração languidesce. O nosso dia, de manhã à noite, está repleto de múltiplas ocupações: de um trabalho absorvente e exigente, da atenção à família, do convívio com os nossos amigos. Mas se queremos que todas essas atividades sejam um encontro com o Senhor, necessitamos de uns momentos do dia para nos “sentarmos” na presença de Deus, para ajoelharmos diante do Senhor e adorá-l’O; queremos que nesse tempo não haja nada que nos possa distrair da contemplação, de olhar e escutar atentamente o Senhor. «Antes de qualquer atividade e de qualquer mudança do mundo, deve estar a adoração. Só esta nos faz verdadeiramente livres, só esta nos dá os critérios para a nossa ação. Precisamente num mundo em que progressivamente se vão perdendo os critérios de orientação e existe o perigo de que cada um se converta no seu próprio critério, é fundamental sublinhar a adoração»[19].

A fé, pois, leva à adoração, conduz a antecipar o que será a nossa vida com Deus para sempre nos céus, a querer realizar aqui na terra o que os anjos fazem no Céu dando glória a Deus. A fé que adora, leva-nos a prostrar-nos diante de Deus e a desejar unir-nos a Ele. Por isso, a fé, que é confiança e adesão a Deus, encontra um momento culminante na adoração eucarística. Esse foi também o ensinamento de S. Josemaria: "Deus Nosso Senhor necessita que o repitais, ao recebê-l’O todas as manhãs: Senhor, creio que és Tu, creio que estás

realmente oculto nas espécies sacramentais! Adoro-Te, amo-Te! E, quando Lhe fizerdes uma visita no oratório, repeti-lho novamente: Senhor, creio que estás realmente presente! Adoro-Te, amo-Te! Isso é ter carinho ao Senhor. Assim O amamos mais todos os dias. Depois, continuai a amá-l’O durante o dia, pensando e vivendo esta consideração: vou acabar bem as coisas por amor a Jesus Cristo que nos preside do tabernáculo"[20]. Entende-se, por isso, que o fundador do Opus Dei se referisse ao sacrário como Betânia e animasse os que o ouviam *meter-se nele*[21]. Pela fé no Senhor sacramentado podemos “introduzir-nos” no sacrário e pré saborear a visão de Deus e essa atitude de adoração permite-nos estar pendentes d’Ele até conseguir uma união de amor que se manifesta em todas as atividades do dia.

Quando numa ocasião anunciaram a Jesus que a sua Mãe e os seus parentes desejavam vê-l’O, Ele, em resposta, disse-lhes: "a minha mãe e os meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática"[22]. A cena de Betânia ratifica este ensinamento. Escutá-l’O, como Maria e cumprir o que diz como Marta, encarna a fé dos que pertencem à família de Deus. Mediante a escuta da Palavra e o esforço por pô-la em prática seremos membros vivos da Igreja e, com a graça de Deus, chegaremos à meta: «Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé devemos alimentá-la com a Palavra de Deus; devemos pedir ao Senhor que a aumente (cfr. *Mc* 9,24; *Lc* 17, 5; 22, 32); deve “atuar pela caridade” (*Gal* 5, 6; cfr. *St* 2, 14-26), ser apoiada pela esperança (cfr. *Rom* 15, 13) e estar enraizada na fé da Igreja»[23]. E se nalguma ocasião nos pode parecer difícil ou não sabemos bem como fazer, encontraremos exemplo e ajuda na

Nossa Mãe Santa Maria. Ela foi quem com mais atenção escutou a Palavra de Deus e quem, com o seu *fiat*, mais fielmente a pôs em prática. N'ela em todos os momentos a fé atuou por amor.

Juan Chapa

Notas

[1] Cfr. *Lc* 8, 40.

[2] *Lc* 10, 38.

[3] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 26.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 163.

[5] *Gal* 5, 6.

[6] Bento XVI, Carta enc. *Deus Caritas est*, 25-XII-2005, n. 1.

[7] Francisco, Carta enc. *Lumen fidei*, 29-VI-2013, n. 18.

[8] *Lc* 10, 40.

[9] *St* 2, 17-18.

[10] Cfr. Conc. de Trento, *Decreto sobre a justificação*, cap. 10.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1815, referindo-se ao Concílio de Trento.

[12] Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 32, 2, 9.

[13] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 317; *Sulco*, n. 111; *Forja*, n. 155; *Amigos de Deus*, n. 198, etc.

[14] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 222.

[15] *Lc* 10, 41-42.

[16] *Lc* 12, 30-31.

[17] *Lc* 10, 39.

[18] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 222.

[19] Bento XVI, Discurso à Cúria Romana, 22-XII-2005.

[20] S. Josemaria, Apontamentos tomados numa tertúlia, 4-IV-1970, em J. Echevarría, Carta pastoral, 6-X-2004.

[21] Cfr. *Caminho*, nn. 269 e 322.

[22] *Lc* 8, 21.

[23] *Catecismo de la Igreja Católica*, n. 162.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2020

www.opusdei.org

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)